

Conceitos de Raça e Racismo a partir da perspectiva científica e sociológica: um relato de experiência

Cleane Santos de Almeida¹
Ariane Gabriele Brasil Gois Rabelo²
Anderson Eduardo-Santos³

Resumo: O conceito biológico de raça humana foi sustentado por muitas décadas, reforçando estereótipos de superioridade do grupo branco em detrimento da subalternização de outros grupos étnicos, como afrodescendentes e indígenas. Visando a responsabilidade da biologia frente a essas discussões, o presente trabalho teve como objetivo analisar o potencial de uma intervenção didática, sobre raça e racismo na perspectiva científica e sociológica, para a formação crítica de estudantes da educação básica. O estudo caracterizou-se como uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa e foi realizada com 38 alunos da 3ª série do ensino médio, em uma escola pública no município de São Cristóvão, estado de Sergipe. Para a coleta de dados foi realizada uma oficina, com duração de 5 horas, na qual foram desenvolvidas aulas expositivas, debates e jogos sobre o tema. A experiência permitiu conhecer as particularidades dos adolescentes além de orientá-los a respeito do racismo cotidiano que passa despercebido aos nossos olhos.

Palavras chave: Conceito de raça; Racismo científico; Relato de experiência

1 Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: cleanny16@gmail.com

2 Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Sergipe

3 Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Sergipe

Introdução

O conceito científico de raça vem, originalmente, do termo italiano “razza”, inspirado na palavra “ratio”, do latim que significa sorte, categoria ou espécie. Nas Ciências Biológicas este termo foi utilizado primeiramente pelo botânico Carolus Linnaeus, na botânica e na zoologia para classificar espécies de plantas e de animais. Este conceito de raça, por sua vez, saiu de suas áreas originárias para validar relações de dominação entre classes sociais, apesar de não haver as diferenças notáveis que eram utilizadas pelos naturalistas para classificar os vegetais e os animais como “raça pura” (MUNANGA, 2003).

Hoje, a caracterização étnica e racial dos indivíduos é amplamente utilizada em pesquisas científicas, diagnósticos, porém seus significados são desconhecidos e muito confundidos pela maioria dos acadêmicos (SANTOS *et al.*, 2018). A dizer no Brasil, que apesar de apresentar uma população majoritariamente negra, a maioria se autodeclara parda (IBGE, 2016).

Na comunidade da saúde é comumente aceito a utilização da raça para distinguir populações ou até mesmo indivíduos que procuram assistência médica. No entanto, essa prática é um reflexo do preconceito que se originou no passado e que é recorrente até nos dias de hoje, seu uso, por isso é defendido como uma ferramenta mais prática para diagnosticar doenças (JAY, 2009). Essa percepção científica consolidou o chamado racismo científico.

O surgimento do racismo científico no século XIX e seus respectivos desdobramentos na política e na sociedade do período têm sido amplamente debatido entre os historiadores, sociólogos e antropólogos. Sobrepondo-se aos dogmas religiosos reinantes até então, as teorias raciais deram status científico às desigualdades entre os seres humanos e, por meio do conceito de raça, puderam classificar a humanidade, fazendo uso de sofisticadas taxonomias (SCHWARCZ, 1993).

O conceito científico de raça, apesar de não ser mais válido, não significa que os indivíduos ou as populações não tenham semelhanças genéticas. Há diferenças no patrimônio genético de todos, no entanto, essas diferenças são insuficientes para classifica-los em raças diferentes (MUNANGA, 2003)

Ainda hoje o racismo não é debatido abertamente no Brasil, e o preconceito sobre as pessoas negras e todos seus descendentes está inserido na história do país. Este preconceito foi amplificado devido à ausência de políticas governamentais para inserção do negro na sociedade, principalmente depois da Abolição da Escravatura (TEXEIRA *et al.*, 2015). A importância

dessas políticas públicas é exibida hoje pela lei de cotas, que garantiu o acesso de muitos negros nas universidades.

Desde o século XVI, quando os negros oriundos das várias partes da África foram brutalmente capturados e transportados para a América portuguesa para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar e nas minas de ouro, começou um longo período de usurpação da sua liberdade, gerando graves consequências para o seu status social e cultural (DA CRUZ SANTOS, 2019)

É importante explicitar que a categoria de raça que opera no imaginário da população e produz discursos racistas é ainda a ideia de raça produzida pela ciência moderna nos séculos XIX e XX. Serve para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, que têm características fenotípicas comuns, sendo estas tidas como responsáveis pela determinação das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas dos indivíduos dentro destes grupos, situando-se em uma escala de valores desiguais (MUNANGA, 2004). O fortalecimento desse estereótipo se fez necessário para sustentar, com bases supostamente científicas, a inferioridade dos negros, mantendo, assim, o sistema escravocrata respaldado.

Neste sentido, o objetivo principal da deste trabalho foi analisar o potencial de uma intervenção didática, sobre raça e racismo na perspectiva científica e sociológica, para a formação crítica de estudantes da educação básica. Para tanto, foi relatada a experiência dos/as autores/as em uma oficina, na qual os conceitos científico e social de raça foram trabalhados, além de explicar sobre a extinção do conceito científico de raça para humanos e as consequências disso para a sociedade, focando principalmente no racismo.

Nossos métodos

A atividade foi desenvolvida em uma turma do 3º ano do ensino médio, em uma escola pública estadual no município de São Cristóvão – SE. Cidade histórica do estado de Sergipe, considerada monumento nacional. São Cristóvão situa-se ao norte do estuário do rio Vaza-Barris, no litoral sergipano. Tem 47 metros de altitude e sua sede dista 26 km de Aracaju, a atual capital do estado (IBGE, 2016)

Em 1645, os neerlandeses foram expulsos da capitania de Sergipe, deixando a cidade em ruínas. No final do século XVII, Sergipe foi anexado à Bahia e São Cristóvão passa a sede de ouvidoria. Nos meados do século XVIII, a cidade foi totalmente reconstruída e em 1763 sofreu a invasão dos negros dos mocambos e indígenas perseguidos. Hoje é considerada uma das

idades com maior população negra do estado de Sergipe. A turma na qual foi desenvolvida a oficina era composta por 38 estudantes, todos residentes do município e de classe baixa, sendo a grande maioria negra (BONJARDIM, 2010; IBGE, 2016).

Conceito de raça e racismo: relato de uma experiência didática

Antes de tudo estabeleceu-se um contato preliminar com os alunos da turma, onde foi perguntado o nome de cada um e quais carreiras eles pretendiam seguir. A maior parte respondeu que queriam ingressar em carreiras consideradas elitizadas como medicina, direito e engenharia.

Assim que foi percebido que eles estavam confortáveis com a presença dos autores deste artigo foi realizada uma dinâmica, esta consistia na exibição de imagens com diferentes pessoas realizando algumas atividades, a partir disso adotou-se perguntas descritivas amplas “O que vocês acham que eles são?”, “O que vocês acham que eles estão fazendo?”. Primeiro foram exibidas imagens de negros e os alunos simultaneamente iam falando o que achavam. “Empregada”, “Diarista”, “Motorista”, “Bandido”, “Chefe da Máfia”, “Pichador” e “Jardineiro” foram as palavras mais ouvidas do que eles achavam que cada pessoa representava. Depois foram exibidas imagens de pessoas brancas com as mesmas roupas e realizando as mesmas tarefas e atitude dos alunos foi totalmente diferente. “Senhora cuidando da sua casa”, “Senhora cozinhando”, “Empresário”, “Advogado”, “Grafiteira” e “Senhor cuidando do seu jardim” foram as frases mais explanadas por eles. Os objetivos dessa dinâmica foi captar a percepção dos alunos a respeito de pessoas negras, levando em consideração que os negros são sempre enquadrados em preconceitos raciais.

Foi questionado por que eles associaram profissões e atividades diferentes somente porque as pessoas tinham a cor da pele diferentes. Eles não tinham percebido até então as suas atitudes e ficaram surpresos quando foram questionados. Muitos explicaram que “foi algo natural”, “o que veio à cabeça”. Vale ressaltar que na identificação do preconceito racial o que está em questão é a maneira como os estudantes veem a si mesmos, enquanto na análise da percepção do racismo é o modo como os indivíduos veem a sociedade em geral. Auto percepção é importante para formação de cidadãos livres de preconceitos raciais e responsáveis com a equidade racial.

Logo depois foi dada uma aula expositiva sobre temas que tinha sido pré-definidos no plano de aula. Primeiro foi abordado a origem do conceito

científico e social de raça e apresentada a distinção entre os dois conceitos. Depois uma explanação sobre processo escravocrata e abolição da escravidão no Brasil. Grande parte dos estudantes disseram não saber que o conceito biológico de raça tinha sido extinto, além de não saber distinguir do conceito social. Isso surpreendeu um pouco a equipe, pois é uma coisa que deveria ser disseminada nas escolas exatamente para neutralizar o racismo.

Salles e Silva (2008, p. 150), ao discutirem as relações entre diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar, pontuam que:

Nas escolas, os adolescentes e jovens interagem com outros que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, entre outros aspectos, seja da cor, da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência.

Portanto, torna-se fundamental para proposição de alternativas mais inclusivas e democráticas de convivência escolar “compreender e refletir sobre as formas de construção das identidades, das diferenças e preconceitos e como esses elementos estão presentes nas relações cotidianas na escola” (SALLES & SILVA, 2008, p. 164).

Na terceira parte da aula foi desenvolvida outra atividade. Foram exibidas imagens de cientistas brancos influentes como Albert Einstein, Charles Darwin, Pierre Curie, Marie Curie, Galileu Galilei, Isaac Newton e Stephen Hawking, e perguntado aos alunos se conheciam as pessoas das imagens, se sabiam a importância deles para a ciência. A grande maioria dos estudantes sabia quem eram aquelas pessoas das imagens, ou pelo menos já tinham ouvido falar deles. Grande parte também sabia qual era a contribuição de cada um deles para a ciência e a maioria disse já ter visto uma grande parte desses cientistas em livros didáticos ou na TV.

Depois foram exibidas imagens de cientistas negros que também contribuíram fortemente na ciência e que seus feitos impactaram de certa forma a sociedade. A exemplo de Mae Jamison, médica e a primeira astronauta de origem africana a ir ao espaço; Granville Woods, inventor afro-americano que criou um dispositivo que enviava mensagens entre estações de trem e trens em movimento, seu trabalho garantiu um sistema de transporte público mais seguro; André Rebouças, primeiro engenheiro negro do Brasil e que foi importante na construção de várias ferrovias. Além disso inventou o dispositivo que hoje viria a ser chamado de torpedo; Charles Turner, o primeiro negro a receber um diploma de graduação e a primeira pessoa a conseguir provar que os insetos conseguem escutar e distinguir tons de cores; Garret

Morgan, inventor que criou o semáforo e o alisamento de cabelo; Ernerst Just, pioneiro nos estudos de hidratação, fertilização e divisão celular e Patrícia Bath, oftalmologista que criou o método para a cura da catarata. Com seu invento ela conseguiu restaurar a visão de pacientes cegos há mais de 30 anos. Porém, antes dos nomes e a importância de cada cientista negro serem exibidos, foi perguntado se alguém da turma conhecia ou se já tinha visto alguma daquelas pessoas em algum lugar. Foram exibidas todas as imagens e ninguém sabia dizer quem eram aquelas pessoas, nunca se quer tinham ouvido falar sobre nenhum dos cientistas mencionados.

Foi falado o nome de cada um na esperança de que eles tivessem ouvido falar em algum momento sobre aqueles cientistas, mas mesmo assim nenhum deles jamais tinha visto ou ouvido falar sobre. Depois que explicamos a contribuição de cada cientista para a turma os estudantes ficaram surpresos, pois nunca tinham se quer ouvido falar naquelas pessoas e isso nos mostra o quanto as pessoas negras são colocadas em segundo plano enquanto os brancos são ovacionados. Isso se dá devido ao apagamento de culturas que não foram absorvidas pelo ocidente. Para apagar a cultura de um povo e manter sua condição de subalterno. Portanto, é de suma importância apresentar os cientistas apagados da história para que os estudantes, sobretudo estudantes negros possam se ver representados.

Por fim realizou-se um debate entre os estudantes, no qual foi discutido questões raciais, como o processo escravocrata no Brasil reflete na sociedade atual. O debate foi guiado pelos realizadores da oficina para que não houvesse fuga do tema. Neste debate os estudantes falaram estarem surpresos pois nunca tinham para pensar nas coisas que foram debatidas na sala de aula. Muitos citaram o papel do negro na TV, que sempre colocam as pessoas negras em papéis coadjuvantes. Alguns relataram não terem esperanças de serem aprovados nas faculdades que desejam, pois sabiam que “essas coisas são para gente rica”. A partir disso explicamos o porquê da maioria dos cargos de prestígio serem ocupados por pessoas brancas.

No final, muitos estudantes relataram sofrer preconceito racial. Algumas meninas disseram que sofriam muito por conta do cabelo cacheado e que alisavam compulsoriamente. Contaram ainda que quando assumiram seus cabelos como são se sentem bem e que a oficina aumentou sua autoestima o que deixou a equipe muito feliz, pois um dos objetivos era exatamente fazer com o que os alunos, principalmente os negros, se sentissem bem sendo que eles realmente são, se auto afirmassem e que sentissem orgulho disso.

Considerações Finais

Durante a experiência foi possível entender o papel do professor, pois foi preciso preparar um plano de aula completo e com antecedência, pesquisar sobre o assunto e elaborar uma aula dinâmica que conseguisse capturar a atenção e a participação dos alunos durante a maior parte do tempo. Como essa foi primeira experiência em sala de aula de todos os autores, foi possível enxergar as dificuldades enfrentadas pelos professores e entender como este trabalho contribuiu de forma positiva para formação docente destes.

O desenvolvimento deste trabalho com adolescentes permitiu, ainda, constatar que apesar de despercebido, o racismo é muito frequente na sociedade. Antes da oficina estudantes acreditavam que não existia racismo no Brasil e que eles achavam “apenas brincadeiras”.

Apesar de esperados, os resultados surpreenderam a equipe, pois acreditava-se que, pelo menos, a extinção do conceito biológico de raça estivesse bem nítido para todos os alunos. Por isso é importante ressaltar que estes temas devem ser trabalhados nas escolas.

Além disso, a partir desta oficina foi possível identificar a emergência que é o tema racismo nas escolas brasileiras. Compreende-se que o preconceito racial, muitas vezes refletido na escola entre os alunos, é fruto da falta de conhecimento, sendo assim, é fundamental que o professor trabalhe em sala de aula a consciência moral, ética e cultural, possibilitando ao aluno o desenvolvimento da capacidade de estabelecer valores e saberes, e agir de forma coerente a eles.

Consideramos que, apesar dos limites, os docentes não podem lançar mão de práticas pedagógicas voltadas à superação do racismo, como oficinas relacionadas ao tema, a análise crítica de materiais didáticos, de discursos e a reflexão interdisciplinar sobre a diversidade cultural.

Referências

Bonjardim, Solimar G. Messias; VARGAS, Maria Augusta Mundim. O visível e o invisível: A paisagem arqueológica da morte em São Cristóvão e Laranjeiras-SE. *Ateliê Geográfico*, v. 4, n. 2, p. 190-214, 2010.

Da Cruz Santos, Tahinan. **As consequências da escravidão na história do negro no Brasil**. *Diamantina Presença*, v. 2, n. 1, p. 47-57, 2019.

Jay NC. **The use of race and ethnicity in medicine: lessons from the African American heart failure trial.** J Law Med Ethics. 2006 Fall;34(3):552-4.

Schwarcz, L. K. M. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Munanga, Kabengele. (2004). **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Em Brandão, André Augusto P. (Org.), Cadernos Penesb 5. Niterói: EdUFF.

Witzig R. **The medicalization of race: scientific legitimization of a flawed social construct.** Ann Intern Med. 1996;125(8):675-9.

Guimarães, Antonio Sergio A. (2002). **Democracia racial.** Niterói, Cadernos Penesb, 4, 33-60.

Oliveira, E. S.; santos, M. A. S.; silva, A. G. A. **O livro didático: Um Estudo da Abordagem da História do Negro em São Luís do Quitunde.** In: VII Semana Internacional de Pedagogia, Alagoas, 2014. Disponível em: <http://epeal2014.dmd2.webfactional.com/trabalhos-7.identificado/63-Com-identifica.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

Roos, R. R. **O preconceito racial no contexto escolar.** 36 f. 2010. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle10183/7189>. Acesso em: 10 Out. 2018.

SANTOS, S. Q. dos. **População negra, relações inter-raciais e formação de educadoras/ES: PENESB (1995-2007).** 158 F. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontífice Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: < http://www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_busca/> Acesso em: 10 out. 2018.

Oliveira, F. (2003). **A saúde da população negra no Brasil.** Brasília: Organização Panamericana de Saúde.

Kabengele Munanga. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ. 2003 Salles, L. M. F., & Silva, J. M. A. P. E. (2008). **Diferenças,**

preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. Cadernos de Educação, 1(30), 149-166.

Santos, Diego Junior da Silva et al. **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar.** Dental Press J. Orthod., Maringá, v. 15, n. 3, p. 121-124, June 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-94512010000300015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 07 Nov. 2018.

IBGE. **Pesquisa Nacional Por Amostras de Domicílio Contínua (PNAD).** 2016.

Teixeira, Erica Ferraz.; CAMPOS, Josué.; GOLZER, Marlene. Márcia. **A Permanência do Racismo na Sociedade Brasileira.** SEDUC Mato Grosso. 2015. Disponível em <http://www2.seduc.mt.gov.br/-/a-permanencia-do-racismo-na-sociedade-brasilei-1>Acesso em 06 Nov. 2018.